

# escancarando o escracho

## verborragia sobre uma ação direta de autodefesa feminista

### 1. O escracho é uma ação direta legítima para denunciar casos de violências machistas?

Sim. E achamos esse questionamento um dos mais importantes, o que mais contribui para a construção de formas alternativas à justiça burguesa, branca, heterossexista, estatal e capitalista. O escracho é uma forma de responsabilização pública sobre uma ação do próprio agressor. As feministas não criaram um agressor. O agressor já estava lá. O provável sentimento de humilhação decorre da atitude do próprio agressor e não da ação feminista de denúncia. Ao tornar público o fato de se tratar de um agressor machista, o indivíduo passa a responder publicamente por ser justamente isso: um agressor machista. Humilhante é ter ameaçado uma mulher de morte e achar que não se deve responder a isso publicamente.

A ideia de fazer o escracho surgiu de mulheres nos atos contra o aumento, incomodadas com a presença do agressor, que transitava nesse espaço, em ambiente de tolerância e normalidade. Diante da não-responsabilização do indivíduo e total ausência de debate público sobre o assunto, as mulheres não se sentiam seguras. Foi para mudar esse quadro que realizamos a ação. Passada uma semana, percebemos que abrimos um espaço para o debate efetivo da questão, inclusive possibilitando novas denúncias. As novas denúncias podem ser lidas no blog:

<http://feministascontraoaumento.noblogs.org>

Se calar sobre o assunto, ou mantê-lo privado, é continuar criando condições para que essas atitudes aconteçam, portanto é pela segurança das mulheres que a denúncia se fez. Aliás, é apenas por meio da exposição pública que as sobreviventes conseguem segurança e nesse caso não foi diferente: a sobrevivente só parou de ser ameaçada de morte quando denunciou o agressor na delegacia e conversou com pessoas de todos os espaços políticos por onde transita. As agressões, denunciadas em delegacia, foram:

- 1) Agressões verbais
- 2) Agressões psicológicas

E também:

- 3) Ameaças de morte
- 4) Invasões sucessivas de domicílio

O único caminho para proteger as sobreviventes é quebrar o silêncio.

O que fizemos não é opressão é resistência. Opressão é a violência machista, resistência é tudo o que fazemos para combatê-la. O escracho foi uma ação direta de autodefesa que não se vale dos mecanismos instituídos em uma sociedade com a qual não concordamos e que vem sendo usada por diversos grupos políticos como formas legítimas de resistência.

Porque as outras lutas podem se valer de instrumentos de denúncia radical como o escracho e a luta feminista não? Nesse sentido, ficar discutindo a legitimidade da ação é perder a oportunidade de falar sobre o que interessa, sobre o machismo nos movimentos sociais, formas de lidar com agressores entre nós e é dar continuidade ao ciclo de violência que se instala a partir da não-responsabilização do indivíduo sobre sua agressão. É mais confortável discutir o escracho que fizemos do que encarar corajosamente os privilégios que a opressão machista sustenta.

Denunciar um agressor não é achar que apenas ele cometa esse tipo de agressão nem se esquecer de todas as outras posturas machistas de outras pessoas dentro dos movimentos sociais, pelo contrário, é exatamente por entender que diversas formas de agressão em diversos níveis diferentes ocorrem o tempo todas às mulheres dentro e fora da esquerda, que agressões com essa magnitude devam ser denunciadas, para então discutirmos não apenas o caso específico, mas como as inúmeras formas de agressões 'brandas' e 'sutis' (a forma desigual como as mulheres são tratadas na militância, as vozes desiguais entre homens e mulheres nas reuniões, as inúmeras piadinhas 'inofensivas' que temos que engolir para manter um clima 'amigável', e um longo etc...) que estruturam uma lógica de pensamentos e atitudes que sustentam a possibilidade de ocorrer casos graves como o que foi denunciado. Pois essas 'pequenas' coisas revelam o lugar que querem colocar nós mulheres: de meros objetos; onde nossas vidas e nossa integridade física e psicológica valem menos, onde não temos legitimidade como pessoa, que não devemos pensar, questionar ou nos posicionar, devemos apenas enfeitar a mesa, suprir necessidades masculinas e quanto for conveniente sermos descartadas e destruídas. Basta!

Denunciar um militante machista é construir um movimento que pode ser compartilhado por mais mulheres.

### 1.1. É fácil fazer um escracho?

Sim. Basta um kit de cola e cartolina (veja em anexo o nosso guia faça-você-mesma par escrachar um agressor machista). Mas denunciar uma agressão machista sempre tem um custo muito alto. Entendemos que a repressão que

cada mulher sofre ao denunciar uma violência se estende automaticamente a todas as outras que, em solidariedade, contribuem para torná-la pública. E o mais assustador é ver como os argumentos que se escutam nas delegacias policiais, na tentativa de dissuadir a mulher a denunciar, são bem parecidos com aqueles que estão circulando nos dias que se seguiram ao escracho: Tratar o assunto como problema privado; alegar a destruição do núcleo familiar (nesse caso a destruição do movimento); questionar a gravidade da violência (“foram só agressões verbais e psicológicas...”); aconselhar a mulher a perdoar e a não tomar medidas “drásticas e extremas” como a denúncia... Estas são algumas das frases que cada mulher que vai à delegacia é constrangida a ouvir. E essas mesmas frases são ditas agora para convencer-nos que o escracho não é uma expressão política legítima. Denunciamos essas atitudes como mecanismos de defesa de um status quo que só quer se sustentar e que nega a possibilidade de uma mudança interna radical tirando legitimidade da denúncia para não ter que debater o assunto.

Fazer um escracho não é uma escolha nem fácil nem simples, porque expondo nossos corpos publicamente enfrentamos uma forte reação que alveja deslegitimar-nos pessoal e politicamente, reproduzindo a violência inicial que denunciamos.

## **2. Cabe às feministas propor uma solução para lidar com a agressão cometida?**

Não. Não cabe a nós propor a forma como os movimentos sociais, no caso o movimento passe livre, deve lidar com casos de agressão machista cometidas por seus militantes. A ação que realizamos é apenas uma ação de denúncia, que torna público um caso extremo de agressão que deve ser tratado publicamente, como todos e cada caso de agressão machista que ocorrem. Deixar de denunciar cada caso de violência que nós mulheres sofremos no dia a dia e não discuti-los, um por um, publicamente, é legitimar que eles continuem acontecendo e que outras formas de violência, tradicionalmente consideradas menores pelos movimentos sociais, sejam toleradas.

A partir da denúncia um processo mais amplo e reflexivo se inicia, um processo de discussão sobre o ocorrido e, então, a busca por soluções de como lidar com esse caso específico e com cada caso que for denunciado.

É nítido para nós que só é possível encontrar uma solução para esse tipo de situação a partir de discussões amplas, públicas, coletivas, sobre o assunto, em que as opressões advindas das relações de gênero sejam tratada com seriedade e abertamente, em que haja espaço acolhedor para novas denúncias, em que cada agressão, seja física, moral, psicológica, simbólica, seja tratada individualmente, cada uma como expressão concreta da sociedade patriarcal em que vivemos, em que haja cuidado, inclusive, com

formas de dar voz a quem, por ocupar diferentes posições de poder, têm diferentes possibilidade de fala.

Portanto, entregar uma solução pronta seria impedir que o movimento faça essa reflexão, ampla, coletiva, pública, em busca de soluções para lidar com a presença de um agressor machista. E que o agressor faça também esse exercício. Só quando o movimento passe livre apresentar publicamente uma solução para o ocorrido, saberemos que houve alguma reflexão sobre o assunto. Até o momento da ação esse posicionamento não havia ocorrido. Agora que o movimento foi questionado por meio de um escracho público, o movimento se posicionou, o que entendemos ser um avanço resultante da ação. O debate feito internamente no mpl deve ser compartilhado – o que começa a ser feito – ampliado e aprofundado, para de fato cumprir o papel de tirar da esfera privada uma questão coletiva como as agressões enfrentadas pelas mulheres nos movimentos sociais e outros espaços.

Repetimos: não cabe às feministas propor uma solução e punições não nos interessam. Acreditamos num processo longo de reflexão para a transformação, um processo que passa por desconstrução das estruturas machistas internalizadas dentro de cada um/uma de nós. Essa reflexão deve ser visível e compartilhada. Um pedido de desculpas não é uma reflexão, é só um pedido de desculpas, o mais básico, mais trivial, menos reflexivo, a se fazer.

A sociedade que estamos construindo deve saber como responder a pessoas que continuam exercendo violência e opressão. Não se trata de punir, mas negar ou diminuir a existência do problema não contribui em nada com a construção de formas alternativas de justiça e convivência entre nós.

Nos negamos a denunciar o machismo apenas como um ente abstrato, seguiremos denunciando cada agressão concreta que acontece e esperamos que o agressor e o movimento passe livre proponham uma solução pública, discutida publicamente, para o assunto e não um pedido de desculpas.

## **3. O que o agressor militante do MPL-SP fez é agressão?**

Sim. Existe uma grande dificuldade em compreender que o que o militante do MPL-SP fez foi uma agressão. Isso por que quando se fala em “agressor” a imagem que se tem é a de um monstro ou de um desajustado sádico. Entretanto, é preciso que fique nítido que em sua grande maioria os agressores de mulheres não são essas figuras estranhas ou distantes de nós. Nós convivemos com agressores, que infelizmente podem ser também os nossos amigos, os nossos namorados, maridos ou até mesmo os nossos pretensos “companheiros de luta”. Os agressores podem ser, inclusive, considerados “bons militantes”.

Mas, não é por caber no estereótipo do “bom militante”, que sabe falar bem em público, dar boas entrevistas, que tem na ponta da língua toda teoria política, que é branco, heterossexual, de classe média, universitário, que tem tendências à liderança e ao comando – ou seja, todos os atributos da masculinidade clássica –, não é por isso que não serão cobradas coerência em suas atitudes. A validade de nossas teorias se revela em nossas práticas e não o contrário. E não cobrar essa coerência é dizer para todos os agressores que basta cumprir os requisitos da “boa militância” que suas agressões passarão incólumes. É também afastar as mulheres da participação em movimentos sociais.

O que o agressor militante do MPL-SP fez é sim uma agressão machista. Esta ocorre toda vez que uma mulher se sente agredida e subjugada. Dizer que uma agressão machista só se caracteriza quando há uma agressão física é tentar ocultar todas as formas de violência sexista. O agressor militante do MPL-SP ameaçou de morte, perseguiu, constrangeu, agrediu verbalmente, insultou e limitou o espaço físico de uma mulher. O movimento feminista já nos ensinou que a violência simbólica, psicológica e moral são formas de violência sexista e precisam ser encaradas enquanto tal. Reduzir o ocorrido a uma briga “normal de fim de relacionamento”, como foi dito em entrevista por um outro militante do MPL-SP, logo depois do escracho, é dar sustentação à essa violência, é silenciar todas as sobreviventes da violência machista. O que, nem de longe, é uma medida de proteção e não colabora com a destruição das redes de opressão sexista que possibilitam as agressões.

Nenhum passo atrás, nenhuma agressão sem resposta!

<http://feministascontraoaumento.noblogs.org>

# manifestações de apoio

## compartilhando perspectivas de feministas diversas

### Erika, rede25

Olá garotas, mulheres e lésbicas!

O escracho foi sem dúvida uma atitude corajosa, uma ação “linda”, legítima, pertinente e infelizmente necessária.

Digo isso porque mais que denunciar, expor, escancarar esse agressor covarde, ele suscitou, por um lado, as discussões e incentivou o posicionamento dxs militantes em diversos espaços, como eu nunca tinha visto acontecer. Assim como a Marina, também fui indagada sobre a ação, sobre mais informações, sobre “minha opinião” (consultora de feminismo????) por mais de um militante que se interessou em saber mais sobre o ocorrido, e/ou que se surpreendeu com a denúncia, e/ou que admirou a coragem e ao mesmo tempo temeu pela exposição das envolvidas a mais agressões e represálias. Nem todas essas pessoas que passaram a debater o machismo e a violência nos movimentos sociais e entre ativistas apóiam a ação, nem reconhecem suas próprias ações e consciência machista. Mas o fato é que as pessoas estão se posicionando, refletindo e isso é fundamental, porque o silêncio é o maior cúmplice dos agressores.

Por outro lado, a ação tem provocado uma série de outras denúncias, depoimentos e solidariedade entre nós mulheres e lésbicas, ativistas, militantes, libertárias, amazonas, lutadoras, sobreviventes...E embora não seja novidade que esses espaços não são espaços seguros para nós, a ação despertou o desejo e a necessidade de compartilhar, de tornar públicas as violências que sofremos, e sobretudo a certeza de que não é “algo pessoal” que devemos remoer caladas até a morte. Infelizmente não é um só agressor, não são poucos os espaços, nem xs pretensxs ativistas coniventes com a violência de gênero.

Não é preciso ter sofrido diretamente a violência para sentir-se agredida, já que “se tocam uma, tocam todas”. Embora minha indignação e revolta aumentem diante do posicionamento de algumas pessoas, sinto que já estamos fortalecidas a cada mensagem que tenho recebido de vocês. Já não dizemos que as coisas não “deveriam ficar ser resposta”, e sim que “não ficarão”, descobrimos ativistas de outros países refletindo, publicizando e produzindo a respeito e passamos fazê-lo, estimulamos o posicionamento de outros coletivos de mulheres e espero que em breve de coletivos “mistos”, enfim...posso ser acusada de polianice por isso, mas acredito que sejam grandes vitórias. Contra a violência, o machismo e o silêncio.

Parabéns pela coragem e obrigada por compartilhar.  
Saudações feministas e libertárias, e muita força a todas

### Blog nascer mulher: *Nenhuma agressão ficará sem resposta!*

*Gritamos ni una más altas ya  
alza tu voz con rabia denuncia social  
denuncia social como estaca de metal  
porque el silencio es complicidad  
de su santa voluntad  
hay un millon de gritos ahogados en tu ciudad [1]*

Escrevemos este texto devido a uma série de acontecimentos que nos levaram a essa reflexão. Todos os acontecimentos referem-se à atuação de movimentos sociais e a situação de “radicalização” em suas ações.

O ápice, que nos levou a “por a mão na massa”, foi a descoberta de que um conhecido militante da Esquerda, mais especificamente do Movimento Passe Livre – São Paulo, havia sido autor de várias agressões a mulheres. Ameaças de morte, outros tipos de agressões verbais, perseguição, invasão de domicílio, ameaça com faca, etc.

Algumas feministas se organizaram, e tornaram pública a agressão. No último ato, ocorrido no dia 30 de março, juntas, realizaram a denúncia abertamente durante a manifestação, e vocês podem ter acesso aos materiais nos links a seguir:

<http://feministascontraoaumento.noblogs.org/2011/03/31/ciao-mundo/> Texto do Panfleto que fizeram; <http://feministascontraoaumento.noblogs.org/2011/04/01/sp-escracho-contra-agressor-machista-30032011/> vídeo da ação.

Não tardaram para aparecer comentários contra a atitude tomada pelas feministas. Segundo os “críticos”, elas humilharam o rapaz publicamente, por um “erro do passado”, por uma “briga de amor”, agiram como uma “polícia moral”, pondo em risco todo o movimento. Alguns ainda satirizaram a manifestação e a campanha.

O choque pelo surgimento dos que são a favor de que se esqueça tudo dentre os militantes da esquerda deve-se, em um primeiro momento porque: a agressão às mulheres só

é chamada de “briga de amor” ou “briga de casal” pelos agressores, ou por quem compactua com eles. O antigo ditado “Em briga de marido e mulher não se mete a colher” mostra muito bem esse pensamento, que só serve para perpetuar o palco da maior parte das violências. A violência conjugal tem de ser tratada como um problema social e de saúde pública:

“Esse informe relata que 25% das mortes de mulheres em idade fértil estão associadas à violência sendo que mais de 60% delas foram cometidas por seus companheiros” [2]

Segundo: afinal, como devemos reagir frente a um agressor (que não agrediu somente a uma – o que já seria inadmissível –, mas a mais de três mulheres)?

E lembrando sempre que esse não é um problema íntimo, que deve permanecer na esfera do privado. Ele é posto assim mais pela atitude conivente que muitos adotam para com o agressor (com as justificativas de que seriam “problemas do amor”). O quadro nacional mostra as reais proporções da violência contra a mulher:

“Dentre as formas de violência mais comuns destacam-se a agressão física mais branda, sob a forma de tapas e empurrões, sofrida por 20% das mulheres; a violência psíquica de xingamentos, com ofensa à conduta moral da mulher, vivida por 18%, e a ameaça através de coisas quebradas, roupas rasgadas, objetos atirados e outras formas indiretas de agressão, vivida por 15%. 12% declaram ter sofrido a ameaça de espancamento a si próprias e aos filhos e também 12% já vivenciou a violência psíquica do desrespeito e desqualificação constantes ao seu trabalho, dentro ou fora de casa. Espancamento com cortes, marcas ou fraturas já ocorreu a 11% das mulheres, mesma taxa de ocorrência de relações sexuais forçadas (em sua maioria, o estupro conjugal, inexistente na legislação penal brasileira), de assédios sexuais (10% dos quais envolvendo abuso de poder), e críticas sistemáticas à atuação como mãe (18%, considerando-se apenas as mulheres que têm ou tiveram filhos).” [3]

Aparentemente, ele não chegou a bater em nenhuma delas (caracterizando sua ação criminal como “Violência branda”). Isso, para os que o defendem, é um indício de que não houve agressão. Gostaríamos de perguntar: se ele tivesse desfigurado as mulheres, aí sim seria agressão? E a agressão psicológica, não é agressão? E um homem que ameaça uma mulher com faca, a ameaça de morte, invade a casa dela, se tiver a oportunidade, não pode passar para o pior?

Vale lembrar, também, que muitas vezes os agressores são tidos como monstros, ou sóciopatas, e, depois de tomar conhecimento de uma agressão, muitas pessoas dizem coisas como: “nossa, mas é um moço tão bom...”, ou “não acredito que ele fez uma coisa dessas!”. Relembrando Heleieth Safiotti:

“(...) O processo de vitimização, ao contrário, apresenta-se às pessoas em sua dimensão concreta. Trata-se do pai

que seduziu a filha de 8 anos, com ela mantendo relações sexuais durante anos até que, aos 14 ou 15 anos de idade, a garota engravida. Trata-se do velhote de mais de 60 anos que, a preços módicos, utiliza-se sexualmente do office-boy da empresa em que trabalha. Trata-se da senhora de mais de 70 anos, estuprada pelo jovem que assaltou sua residência. A extrema concretude dos fatos induz as pessoas a pensarem os agressores como monstros, como exceções, como doentes. Da mesma maneira são vistos os pais ou responsáveis que se conduzem de forma negligente ao cuidar de crianças ou lhes impor maus-tratos.

De fato, para as pessoas cuja ocupação não facilita o contato com esta cruel realidade, a vitimização (...) quando chega ao seu conhecimento, adquire contornos de inusitado, de esporádico, de excepcional. Quem jamais lidou com o fenômeno não tem idéia de seu significado estatístico e de seus efeitos devastadores. O objetivo nuclear desta introdução consiste em mostrar que, tal qual como o processo de vitimização, o de vitimização tem suas raízes numa ordem social iníqua, na qual as relações sociais são permeadas pelo poder. [4]

Pois é, os agressores não precisam ser doentes, loucos, ou criminosos demoníacos. São pessoas “normais”, são namorados, maridos, amigos. São homens.

Como esperam os homens dentro da esquerda (nossos companheiros, não?) que as mulheres reajam frente a isso?

Uma outra grande questão que fica é: as feministas estão sendo criticadas por terem levado a público a denúncia, por estarem mostrando a todas e a todos que existe um agressor dentro da esquerda, que aquele que pensávamos ser aliado pode atacar sua namorada, sua ex-namorada, ou suas companheiras de militância. Agora, as feministas são acusadas de sujar o nome do MPL, de “dividirem o movimento” .

Pedem que esperemos pela justiça (que somente para lembrar é completamente machista, sexista e homofóbica), que fiquemos quietas, usando como justificativa o fato de ele já ter se desculpado (como isso bastasse para uma agressão sexista), e fez tratamentos por muitos tempos para se recuperar. Ou seja: querem barrar qualquer ação e mobilização que seja, colocando panos mornos sobre os casos.

Não pensamos que “pedir desculpas” seja o suficiente, não achamos que a justificativa de transtornos – quaisquer que o sejam – amenize o problema. É um caso claro de machismo, sexismo, e entendemos que é impossível deixar passar a situação e manter dentro do movimento um homem que trate uma mulher dessa maneira, transitando entre nós no meio dos Atos, em reuniões, empunhando a bandeira de um movimento social. Tampouco pensamos ser coerente um grupo de esquerda dizer que as feministas são muito “radicais” por exigirem uma manifestação do MPL e a expulsão do agressor, justamente por ser incoerente a permanência de um agressor machista dentro de um movimento de esquerda. Outro ponto polêmico é o de

que a crítica à radicalização feita contra nosso movimento é a mesma que a esquerda sofre da grande mídia quando atua em atos organizados, tomando as ruas. A PM diz que reprime porque extrapolamos os “limites legais” da mobilização, e que deveríamos recorrer aos mecanismos legais ao invés de parar o trânsito. Com disse o policial no depoimento depois de um dos atos contra o aumento da passagem que acabou em uma ação violenta da PM:

“Passagem é muito cara; verdade, e quando pacífica, toda manifestação é legítima, mas sempre tem uns oportunistas no meio, geralmente de bandeira vermelha.” [5]

Ora, e agora estamos sendo acusadas da mesma forma? De que devemos entender, compreender e esperar a ação legal quando um militante de esquerda agride as mulheres com as quais ele se relaciona?

As feministas, sempre que fazem qualquer tentativa de radicalizar suas ações, são tidas como histéricas, radicais, incoerentes, ou como foras da realidade, que não estão entendendo como é que as coisas são. Tentam nos convencer de que tudo pode ser resolvido com uma conversa e um pedido de desculpas. Essas mesmas colocações são jogadas em cima de qualquer movimento de esquerda pela grande mídia, pela direita.

Por isso entendemos que a divulgação desse caso, visando a ampliação da mobilização, e a exigência de que o MPL (Movimento Passe Livre) posicione-se sobre o caso são imprescindíveis. Frisando também que as críticas dos homens sobre a ação do Movimento Feminista são infundadas em três pontos: o primeiro deles no que esperam que lutemos pacificamente pelos nossos direitos, pela igualdade e contra a violência a qual estamos expostas. O segundo deles é que nenhum homem tem direito de legislar sobre como o movimento atua, suas bandeiras, pautas, métodos. É um movimento de mulheres, tocado pelas mulheres e mantido pelas mulheres com a solidariedade dos nossos companheiros. O terceiro, o argumento de que nós “dividimos o movimento”, cai por terra quando mostra-se que, na realidade, o fim dos preconceitos machistas implica numa maior participação da mulher na política, fortalecendo os movimentos sociais, e não enfraquecendo-os.

Por todos esses motivos, reivindicamos, por fim, que seja reconhecida a legitimidade da auto organização das mulheres, suas ações políticas, e deixamos claro: nenhuma agressão ficará sem resposta!

[1] BKC – “Naufragas”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=l82PvHPputs>

[2] LAMOGLIA, Claudia Valéria A., MINAYO, Maria Cecília S. Violência conjugal, um problema social e de saúde pública, disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos903/violencia-conjugal/violencia-conjugal2.shtml>

[3] Portal Violência Contra a Mulher. Disponível em: [http://www.violenciamulher.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=579:dados-nacionais-sobre-a-violencia-contra-as-mulheres&catid=7:dados-e-](http://www.violenciamulher.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=579:dados-nacionais-sobre-a-violencia-contra-as-mulheres&catid=7:dados-e-)

pesquisas&Itemid=4

[4] AZEVEDO, Maria Amélia e GUERRA, Viviane Nogueira de A. (org). Crianças Vitimizadas: A Síndrome do Pequeno Poder, Iglu Editorial Ltda, 1989.

[5] Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=AGW0LLbIiIo>

## las descontroladas, autodefensa feminista en México

Compañeras, desde México nos solidarizamos con ustedes. Sabemos la importancia de la acción directa y del señalamiento incluso dentro de nuestras comunidades y movimientos políticos.

Basta de silenciar la violencia machista en espacios de luchas. Basta de decir que el ‘enemigo está afuera’, de que ‘hay que callar porque ello debilita el movimiento’.

Gracias por seguir construyendo la memoria feminista a través de denuncias. Ya estamos hartas que agresiones en contra de nosotras se vuelvan ‘chismes’.

las descontroladas, autodefensa feminista en México

## carta sororaria a la red de feministas autónomas contra el aumento desde México

Nós, mulheres e lésbicas de coletivos de autodefesa feminista na Cidade do México, estamos raivosas, histéricas, loucas, sim! Porque cada vez que sabemos de uma agressão contra uma de nós nos sentimos também agredidas e já não vamos mais ficar caladas, vamos colocar essa raiva pra fora! No último dia 30, algumas feministas contra o aumento fizeram um escracho denunciando o agressor Xavier (Rafael Pacchiega), militante do MPL que mesmo depois de ter agredido a algumas companheiras continuou sua militância nos espaços públicos de luta contra o aumento das passagens em São Paulo.

Parte do Movimento pelo Passe Livre continua sendo cúmplice dessa violência, mas algumas feministas

decidiram reagir e lutar para que o movimento seja realmente contra as catracas, inclusive as catracas da violência machista, que muitas vezes impede que mulheres façam parte de movimentos sociais mistos.

Apoiamos a ação de vocês, porque sabemos que existe um mundo de possibilidades de agir frente a violência machista, e apoiamos todas as formas de resistência. Sabemos que estamos inventando resistência e por isso muitas vezes duvidamos do que estamos fazendo, principalmente quando somos constantemente criticadas por essa resistência.

Sabemos que quando resistimos, o opressor responde, já que não quer perder seus privilégios, e por isso somos deslegitimadas em nossas ações. Sabemos que cada vez que somos deslegitimadas nos tornamos mais fortes porque nos unimos, nós mulheres que queremos mudar o mundo, começando pelo nosso. Sabemos que o silêncio nos imobiliza e não permitiremos que nenhuma violência seja invisibilizada e passe como se nada tivesse acontecido. Não acreditamos em líderes, não acreditamos em mártires, somos muitas, somos cada uma e todas, e sabemos que nenhum agressor é necessário em nenhum movimento social.

E sabemos que nenhuma luta vale mais que nossas vidas, e que o silêncio frente a uma agressão pode significar nossa morte. Sabemos que as mulheres que fizeram o escracho em São Paulo não estavam boicotando a luta contra o aumento das passagens, mas sim, como parte dessa mesma luta, como parte desse mesmo movimento, estavam transformando essa luta em uma luta libertária, anticapitalista, antimachista, antiracista, antiestado, sem hierarquizar nenhuma delas, porque a mudança é em todos os sentidos.

Por isso e por muito mais apoiamos as ações feitas pela rede de feministas autônomas contra o aumento, contra a permanência não questionada de um agressor machista no centro das mobilizações contra o aumento em São Paulo. Exigimos justiça, justiça não patriarcal, justiça não estatal, exigimos responsabilização e ação frente as denúncias. Nenhuma agressão mais será silenciada!

Se mexem com uma, todas nos levantamos! Estamos em todas as partes!

# Saindo do anonimato e a prática é o critério da verdade, Maira Tavares Mendes

## Saindo do anonimato

Gostaria de parabenizar às autoras do material pela coerência e ousadia em sair do âmbito privado para um assunto definitivamente público. Sou uma das mulheres agredidas verbal e psicologicamente por este machista e não tive naquele momento a lucidez de fazer esta manifestação. Isso precisa ser divulgado!!!

## A prática é o critério da verdade

Pra mim é muito simples. Ao invés de ficar apontando dedos na cara de quem é mais machista, mais feminista, mais anarquista, ou mais passe-livre, ainda mais anonimamente (que delicia acusar de qualquer coisa sem de identificar, fácil não?), propostas concretas.

O movimento acha que lutar contra o machismo é importante? Demonstre! Uma carta, uma publicação, uma retratação, expulsão, o que quer que represente uma POSIÇÃO CONCRETA de um movimento que se diz lutar pra mudar a sociedade.

As mulheres agredidas fizeram isso. Mostraram a sua posição. Se quem não concorda com ela procura apenas desqualificar, acho que mostra que não tem muitos argumentos.

Quanto a ser aproveitadora por ser do PSOL, comentário lamentável de alguém que se esconde no anonimato. Sou socialista e feminista e, felizmente, essa luta transcende partidos e organizações políticas: PSOL, PT, MPL, MST, qualquer sopa de letrinhas vai ter sempre alguém que acha secundário esse debate, e aquelas que vão procurar dar visibilidade a ele.

Por um mundo sem machismo, movimentos sociais sem machismo, partidos sem machismo... essa é a luta de milhares de mulheres. E também a luta contra o silêncio.

# *Me dijeron.*

## Poema de Patricia Karina Vergara Sánchez

*El otro día me dijeron  
que frene la lengua,  
que modere los actos,  
que critique, que señale,  
que me inconforme.*

*Pero, en voz baja.  
Y entre nosotras.*

*Que los compañeros de lucha,  
cualquier lucha,  
se pueden sentir afectados.*

*Que espere, que el movimiento social,  
cualquier movimiento social,  
tiene planes para las mujeres,  
pero, que espere,  
todavía no es el tiempo, ni la hora.*

*El otro día me dijeron  
que sea más responsable  
al decir antipatriarcado,  
al denunciar al que acosa,  
al señalar al que desprecia.*

*Que cuide a los compañeros,  
que sea amorosa,  
que les haga sentir bienvenidos,  
que mis reclamos no vayan a ofenderlos.*

*Me lo dijo una, que se dice compañera,  
y le he preguntado.*

*Pero, no ha ido a ver al indio,  
para decirle que denuncie bajito  
al caxlan que lo desprecia.*

*Y no ha ido a ver al obrero,  
para decirle que espere,  
que sea más amable  
en sus reclamos con el patrón.*

*Y no ha ido a ver al campesino,  
para decirle que defienda su tierra  
con amabilidad y sonrisa.*

*Pero a mí, sí ha venido a hablarme  
para decirme que no vea,  
que si veo no señale,  
que no lo tome como ofensa.*

*Que comprenda.*

*Me dijeron.  
Que finja, que no me dé cuenta  
de que éste mira mis senos,  
de que éste me estorba la palabra,  
de que éste me llama a la elegancia femenina,  
de que éstos no son de los míos.  
De que dicen lesbiana, pero en voz baja.  
Que por las buenas son mejor las cosas.  
Que no demuestre el abuso.  
Que no llame machista.  
Que no use la palabra misoginia  
para el que me niega.*

*Que acompañe al movimiento  
y, por las buenas, ya irá tocando la nuestra.  
Me dijeron,  
y estoy pensando que no es justo.  
Para murmurar el descontento,  
para perpetuar los roles,  
mejor me habría quedado en casa a lavar los platos.*

*Que nada más no puedo.  
Ni he de callarme.  
Ni cerrar lo ojos, ni fingir.  
Ni moderar la lengua ni los actos.  
Que no dejaré de criticar, ni de señalar, ni de  
inconformarme.*

*Ya hemos dado mucho.  
Ya dieron bastante mis madres y abuelas.  
Hemos sido tantas:  
Las presas políticas,  
las agredidas,  
las trabajadoras,  
las que sostienen la casa mientras la huelga,  
las que siembran la tierra,  
las sindicalistas,  
las maestras,  
las que nunca son nombradas,  
las que toman los medios.  
las que barren y reparten volantes mientras el macho líder  
hace discurso.  
Las que ya están hartas...*

*Todas, mis hermanas.*

*Que ya toca la nuestra y no para luego.  
Que hay que decir: ya, a este tiempo y a esta hora.*

*Que para gritar contra la opresión, no hay corrección  
política.  
Decir: hay una izquierda machista y reaccionaria, no me  
atemoriza.*

*Me dijeron, me sugieren, me invitan a moderarme.  
Pero yo, nada más no puedo.*

*Yo entiendo ser mujer de otra forma.  
Yo quiero de otro modo hacer las cosas.*

*No voy a disculparme,  
No puedo condolerme.*

*Porque tengo esta voz.  
Es voz libre y autónoma.  
Es voz nueva, revolucionaria.  
Tengo esta voz fuerte.  
Voz lesbiana, nunca más silenciada.*

## ***Denúncia pública é direito à autodefesa da mulher***

Não estou entre as feministas que protestaram, mas estive no ato e acompanhei o escracho. Apóio a denúncia e vou esclarecer o porquê comentando alguns pontos aqui levantados pelo(a) autor(a) do texto “Feminismo de gueto”

[A forma correta de tratar isso, no meu entender, seria discutindo publicamente o problema da agressão às mulheres e o caso específico, no meio específico - ou seja, no movimento passe livre (...) Ele é uma estratégia despolitizante, sem senso de tática ou estratégia e altamente ineficaz]

Sim, um movimento deve tratar de seus próprios problemas internos quando ali estes podem ser resolvidos democraticamente. Por algumas razões isto é razoável, como não expor questões internas que desestabilizem a organização, favorecendo ataques externos. Sobre esta primeira parte entendo que estaria correta, com um porém. A denúncia feita pelas companheiras é de que não havia sequer discussão democrática no MPL sobre agressões ou ameaças repetidas a mulheres, que o assunto era evitado, de certa forma censurado o que fazia com que casos se tornassem recorrentes. Em um estágio de sufocamento, de humilhação, desmoralização e de ameaça das vítimas, a única forma de trazer à tona o caso foi uma divulgação do caso para um círculo mais amplo de pessoas, não tendo como recorrer a ninguém dentro do movimento. Isto é, sobretudo, uma atitude de autodefesa. O escracho neste caso muito mais que um ataque é uma atitude de autodefesa das vítimas. Neste sentido não é algo sem tática ou estratégia, muito menos ineficaz. Pelo contrário, é a única maneira eficaz, que não por meios policiais, de tornar público o fato para que seja fiscalizado pelos próprios ativistas. Por isso é uma atitude de autodefesa legítima. Com a denúncia conseguiu-se abrir a discussão pública que antes não havia sobre o caso. É uma atitude altamente politizada ainda mais porque foi feita coletivamente. Denunciar o caso de maneira abstrata, sem ligar nomes ao fato, nunca geraria a mesma discussão e seria aí sim ineficaz para evitar mais

agressões. Havendo suspeitos indicados previamente, as vítimas até legalmente, em caso de uma nova agressão, têm mais respaldo e estão mais protegidas. Tudo que permanece entre quatro paredes favorece o agressor (não à toa, os casos de violência contra as mulheres são principalmente os domésticos).

As companheiras também poderiam ter ido além, utilizado todos os seus direitos como comparecer à delegacia da mulher para denunciar o fato. Os mínimos direitos, mesmo vindo de um Estado opressivo, devem ser utilizados por mais que o Estado seja completamente ineficaz para baixar os índices de agressões a mulheres.

[A forma do escracho me parece fascista - não é só neste caso não, mas inclusive nos escrachos argentinos voltados para torturadores. ]

Sobre o caso argentino, este faz cair por terra o argumento da ineficácia e da despolitização. Na Argentina, ainda que de maneira limitada, torturadores estão pagando por seus crimes contra 30 mil famílias de desaparecidos, torturados e assassinados e assassinados pelo regime fascista. Considerar a “forma” do escracho como fascista é um absurdo sendo que é usada para expor aqueles que torturaram e mataram.

O que seria politizado e razoável? Fazer como no Brasil, em que militares estão no Exército, e comemoram todo ano o golpe militar, sem que nenhum seja punido por seus crimes? Em que torturadores e apoiadores do regime assassino como o Sr. Bolsonaro continuam governando e emitindo ataques fascistas, incitando neonazistas a agressões contra pobres, negros homossexuais, nordestinos? Aceitar a permanência destes sujeitos no poder é a atitude que compactua com o fascismo.

[O que incomoda é tratar disso como um caso específico, individualizado e centrado neste caso que infelizmente não é extremo]

Fica claro nas limitadíssimas discussões aqui levantadas neste site em que membros chegam a defender o agressor (Xavier), tentando caricaturizar a atitude das companheiras, chegando a alegar coisas do tipo “Mas o que vocês querem, que expulsem ele do MPL? Ele pediu desculpas”, que estes realmente não ligavam para o caso pois não eram afetados diretamente.

O que as companheiras reivindicavam antes de qualquer expulsão, era inicialmente uma discussão sobre o tema. A atitude de pessoas no MPL de mesmo com a denúncia dar “forças” ao acusado de agressões, mostra que há convictos defensores do agressor desinteressados na denúncia. Fica claro também, por ninguém ter negado as graves acusações contidas no panfleto.

Esta denúncias eram literalmente de que “Há cerca de 6 meses um dos militantes do Movimento Passe Livre ameaçou de morte, perseguiu, constrangeu, agrediu

verbalmente, insultou e limitou o espaço físico de uma companheira de movimentos sociais autônomos da cidade. E essa não foi a primeira vez”.

Ameaça de morte ou limitação do espaço físico por acaso não são atos extremos??? O que vamos esperar, que as ameaçadas sejam mortas?? Se ninguém os negou quer dizer que este era um fato conhecido e negligenciado.

Pedir desculpas não é suficiente. Qualquer um pode pedir desculpas, alegar descontrole emocional depois de matar, por exemplo. Como sabem todas as mulheres agredidas, é pratica comum dos agressores e um meio de repetir suas ações. Não podemos de modo algum dar um cheque em branco para um agressor de mulheres só porque este seria um lutador, de esquerda etc. São conhecidos vários casos de aproveitamento de mulheres dentro da esquerda (que se diz feminista) e participa dos governos opressores de mulheres, casos de agressões e abusos tanto entre os grupos como dentro mesmo destes. Já ouvi falar e presenciei casos no PSTU, Psol, PT.

[Isso não me parece uma postura política voltada para mudar o mundo, mas apenas para mudar nosso cotidiano]

Os regimes opressores pelo mundo não se encarregam diretamente de fazer vítimas. Há sempre as correntes de transmissão desta política. É o soldado norte-americano que mata o iraquiano e não Bush/Obama.

No caso da opressão contra a mulher, esta correia de transmissão é o patrão no trabalho e o homem em casa numa sociedade patriarcal. A mulher em 99% dos casos faz os serviços mais subalternos domésticos, mesmo quando esta trabalha fora. Aqui, mesmo os homens conscientes que não oprimem suas mulheres, se ganham maiores salários e se calam por isso, se dá às mulheres afazeres maiores que o seu porque é assim aceito na sociedade, acaba compactuando com esta opressão. Que dizer então de um agressor? Do que será este capaz?

Mudar o mundo é primeiro reivindicar que se mude o cotidiano, porque é nele que a mulher sofre nas mãos do sócio do inimigo principal que é o homem. Sem luta contra os que estão na primeira barricada contra os oprimidos, não se chegará nos que coordenam as tropas.

Engraçado ouvir isso de uma pessoa que vem defender o MPL, que é o movimento que lutaria contra o aumento das passagens. As passagens são cotidianas. Mas mudar o mundo é mais que mudar as passagens. Mesmo assim, como conscientizar a população se não for organizando-a para acabar com as opressões e explorações cotidianas. Outra coisa. Lutar contra um patrão, neste sentido, poderia ser considerada a individualização de um caso, despolitizada, etc, porque finalmente este não é o governo.

[Por que particularizar esse caso? Por que é do nosso meio?]

Sim principalmente. Se não se desmascarar o que acontece

dentro dos grupos que se dizem libertários, como então conseguir lutar contra os opressores em geral em todo o mundo?

[Realmente causa estranheza toda essa movimentação quando um homem ameaça uma mulher no contexto de uma separação, quando fatos infelizmente muito mais graves acontecem a toda hora]

Quer dizer que porque é uma separação está autorizada a agressão? Isto sim é uma consideração despolitizada.

Os principais casos de agressão e de morte são justamente de agressão por ex-namorados ou maridos. Devemos deixar o caso evoluir para este extremo? Nunca.

Aqui deixo uns dados oficiais sobre agressões de mulheres para a reflexão de todos:

\* A violência doméstica é a maior causa de ferimentos femininos em todo o mundo, e principal causa de morte de mulheres entre 14 e 44 anos. (Rel. Dir. Hum. Da Mulher da Human Rights Watch/96).

\* O risco de uma mulher ser agredida em sua própria casa pelo pai de seus filhos, ex-marido ou atual companheiro é nove vezes maior que sofrer algum ataque violento na rua ou no local de trabalho (BID ” Banco de Desenvolvimento/98).

\* De 10% a 34% das mulheres do mundo já foram agredidas por seus parceiros; segundo a OMS, 30% das primeiras experiências sexuais das mulheres foram forçadas; 52% das mulheres são alvo de assédio sexual. Isso tudo, sem contar o número de homicídios praticados pelo marido ou companheiro sob a alegação de legítima defesa da honra. (Organização Mundial de Saúde/2001).

\* O homicídio não pode ser encarado como meio normal e legítimo de reação contra o adultério, pois nesse tipo de crime o que se defende não é a honra, mas a autovalia, a vaidade, o orgulho do senhor que vê a mulher como propriedade sua”. (Decisão do Sup. Trib. de Justiça, Brasília/91).

\* “A cada 4 minutos, uma mulher é espancada no Brasil”. (Human Rights Watch ” Org. Int. Dir. Humanos/95).

\* No Brasil, 70% dos casos de incidentes violentos devem-se ao espancamento de mulheres por seus companheiros; os agressores escapam de penas alegando ter agido “sob forte emoção”; e 50% dos assassínios de mulheres são cometidos por seus parceiros e há uma média de 2,1 milhões de mulheres espancadas, por ano, 175 mil por mês, 5,8 mil por dia. (Human RightsWatch./96 e Pesquisa Nacional da Fundação Perseu Abramo/2001 e revisão 2002).

\* “1 mulher é espancada a cada 15 segundos no Brasil” (Fundação Perseu Abramo 2001 e revisão 2002).

\* No Brasil, o ciúme desponta como a principal causa aparente da violência, assim como o alcoolismo ou o fato de estar alcoolizado no momento da agressão (mencionadas por 21%, ambas). Essas razões se destacam em respostas espontâneas sobre o que as mulheres acreditam ter causado a violência sofrida. (Fundação Perseu Abramo 2001 e revisão 2002).

- \* “O Brasil é um dos campeões mundiais em violência contra a mulher”. (Relat. Americas Watch/92).
- \* “Apanhar dentro de casa é uma realidade para 63% das mulheres brasileiras” (Ministério da Justiça/98)
- \* “98% das preocupações de mulheres brasileiras são o combate à violência contra a mulher e 96% sobre o abuso sexual no trabalho”. (Revista Veja/94)
- \* As classes médias(as maiores afetadas) e altas não denunciam, muitas vezes, por terem um “status” a preservar e receiam escândalos.
- \* Somente 1/3 das relações de violência entre os sexos é denunciado.
- \* Fatores inibidores da denúncia da violência conjugal/familiar: crença de que a violência é temporária, consequência de uma fase difícil; receio de possíveis dificuldades econômicas na ausência do companheiro; a situação dos filhos caso este tenha ficha na polícia ou fique desempregado; vergonha perante os filhos; pena do agressor que é violento “só quando bebe”; vergonha de ser vista como espancada; falta de apoio familiar; medo do agressor; sentimento de culpa; receio de ficar sozinha; falta de informações; baixa auto estima; falta de infra-estrutura e atendimento precário de delegacias gerais, especializadas ou juizados especiais e/ou descrença nos serviços prestados, dentre outros.
- \* Não é a toa que as mulheres permanecem, em média, de 10 a 15 anos na relação violenta.

## ***Carta aberta para o MPL, feministas contra o aumento e afins. Marina Paiva***

Marina Paiva é militante anarquista que participa de diversas frentes de luta, dentre elas o feminismo riot grrrl/ queer/ anarca. No portal avessa.

Resolvi escrever essa carta aberta a fim de esclarecer minha posição perante o escracho contra violência sexista ocorrido no ato contra o aumento. Por quê? Sou militante de diversas frentes, dentre elas a luta contra as catracas nos ônibus, metrô, trens e, principalmente, na vida. Já militei no MPL e acabei me afastando por motivos pessoais, no entanto, participo e atuo nas frentes de luta sempre que estou por perto. Agora estou no exterior e tenho acompanhado virtualmente os acontecimentos do Brasil no geral.

Ao saber do escracho ocorrido contra um militante que agrediu uma companheira imediatamente comecei a divulgar pois me senti muito contemplada, já que, no fim de 2009, voltando de um dos atos contra o aumento da passagem, eu sofri violência do meu ex-companheiro, de

luta e de vida. Foi muito traumático para mim e eu estava em um momento da minha vida em que não conseguir tomar atitudes concretas sobre o ocorrido, apenas fiz uma denúncia na delegacia da mulher pois tive o apoio de muitos amigos e familiares. Essa pessoa, e acho que agora é o momento de dar nome aos bois, se chama Fernando (Fefê) e é militante anarquista. Pois é, um militante que, ao mesmo tempo que tem muito a contribuir, agride mulheres. Contraditório não? Ele é apenas mais um, mais um que circula por aí como se nada tivesse ocorrido, colocando em risco outras mulheres que possam divergir de suas opiniões sem se calarem. Por que estou falando isso? Por que nunca é tarde para fazer uma denúncia e por que fui questionada por vários militantes sobre meu apoio à ação. Também por que me arrependo muito de não ter tomado atitudes mais concretas com relação ao ocorrido, apesar de ter feito o que eu tive forças para fazer até então.

Quem estou apoiando e o que estou boicotando? Primeiramente quero dizer que não estou de forma nenhuma tentando promover um boicote ao MPL, mas sim estou tentando promover o empoderamento de outras mulheres, que, assim como eu, se sentiram muito contempladas e mais SEGURAS nos espaços de militância, um espaço predominantemente masculino e muitas vezes sexista. Eu vi que no vídeo lançado há uma referência direta ao MPL como conivente com essa situação. Sei que o MPL não o é, mas sei também que não há o menor preparo das pessoas para lidar com esse tipo de questão, uma vez que, no geral, elas são tratadas como coisas do âmbito privado e torná-las pública causa um mal estar geral, um pudor que deve ser evitado para que as mulheres também parem de sofrer violência. Não acredito que tenha havido conivência, mas sei que teria sido melhor que o Xavier, o Fernando (Fefê), ou qualquer outro que já agrediu, ficasse em casa, pois essa luta não é delxs, afinal, eu não quero militar com quem me oprime, muito menos ficar ali só para ser mais um número em uma manifestação que não me contempla. Para muitos essa ação pareceu um boicote ao MPL, inclusive a minha de divulgar o vídeo, mas não é isso. Claro que deveria ter havido uma ação mais efetiva do movimento a fim de evitar esse tipo de problema, mas agora já é tarde demais para todos. A crítica já foi feita e agora nos resta aprender com o ocorrido.

Aprender o quê? Aprender que nos movimentos sociais existe sexismo SIM e aprender que esse tipo de atitude NÃO SERÁ MAIS TOLERADA. Quanto aos/ às agressorxs cabe a elxs refletirem sobre sua militância e procurarem ajuda, a fim de não causarem mais esse tipo de constrangimento para si e para os outros. Apoio sem hesitar a iniciativa e digo que ela foi muito ousada, algo fácil de se perceber devido à grande repercussão. Força mulheres, sempre! Ao MPL desejo força também, mas sei que saberão se livrar desse tipo de atitude de forma horizontal e eficiente.

saúde y anarquia

mah

# ¡Bravas, bravas mujeres! Actoras de cambio, Guatemala

¡Bravas, bravas mujeres!

Hacer este tipo de acciones públicas permiten ponerle nombre y cara a los agresores, deslegitimar y quitarles el poder a estos tipos, y desmitificar que la violación sexual siempre viene de afuera y de “otros” (locos, drogadictos, negros...)

De esta manera también reivindicamos nuestra verdad, evidenciamos que sí pasa, e irracionalizamos las versiones “oficiales” heteropatriarcales según las que somos las “conflictivas”, las que “desmovilizamos” los movimientos sociales. Saca a luz pública dónde está el nudo del problema. ¡Mil gracias por eso mujeres!

Como decimos por acá en Guatemala: ¡la vergüenza es de ellos, no de nosotras!

Y por eso son tan importantes este tipo de acciones que hacen cargar a los agresores con la vergüenza social, y nos libera a nosotras de la culpa que siempre sentimos en estas ocasiones.

Mucho amor para todas las que estamos poniendo y exponiendo el cuerpo para crear espacios de libertad! Ponganme en todas las cartas que necesiten.

Amandine, de Actoras de Cambio

## Comunicado da Fuxicaria frente uma ação de autodefesa feminista

Na última quarta-feira (30/03) uma rede de feministas autônomas que se integra na luta contra o aumento da passagem de ônibus em São Paulo e contra as políticas do Kassab foi às ruas denunciar um caso de agressão contra mulheres. Durante a concentração para o 11o ato contra o aumento, na Praça do Ciclista, elas distribuíram panfletos

denunciando um agressor de dentro do Movimento Passe Livre e levantaram um cartaz próximo ao militante com a escrita: AGRESSOR MACHISTA. Denunciar o Xavier (Rafael Pacchiega) é parte de uma ação direta de auto-defesa feminista, e foi necessária pela total omissão do MPL diante do fato. As mulheres se incomodam de continuar seguindo ao lado de um movimento que se diz libertário, contra o governo, mas que acoberta e acolhe uma atitude como esta, e exigem um posicionamento público quanto ao que ocorreu.

Sabemos que a agressão foi realizada contra mais de uma mulher – é, portanto, algo recorrente – porém ela extrapola estes fatos pontuais, pois diz respeito a milhares de pessoas: UMA AGRESSÃO CONTRA UMA MULHER É UMA AGRESSÃO A TODAS NÓS. Um mundo sem catracas, mas com machismo, não é um mundo que as feministas querem ajudar a construir: agressões também são uma catraca.

Nós da Fuxicaria Feminista (Coletiva Feminista da História e Geografia USP) apoiamos a ação da rede de feministas autônomas. Entendemos que as agressões contra mulheres não podem ser tratadas como um problema pessoal ou de âmbito privado. Enquanto essas questões permanecerem veladas e distantes do espaço público não temos como dar respostas políticas ao machismo.

O que acontece concretamente não pode ser tratado de maneira abstrata. O machismo não é somente uma sombra de partes obscuras da sociedade, ele está presente em pessoas reais, e que muitas vezes, e infelizmente, ocupam espaços de resistência em movimentos sociais. A política é formada pelo coletivo...mas o coletivo é formado por indivíduos e por suas experiências e valores políticos. Tais movimentos não podem tirar o sujeito das agressões da cena de discussão: isto tem que ser posto às claras. Não podemos fingir que nada aconteceu.

A informação do ocorrido está circulando em diversas redes feministas, e a Fuxicaria, em concordância com a ação, se sente na obrigação de passar a informação adiante. Soubemos que algumas das envolvidas estão sendo retaliadas pessoalmente pelo que aconteceu, como se fossem as únicas responsáveis pela denúncia e, por este motivo queremos, mais uma vez, reforçar que esta foi uma auto-defesa COLETIVA.

Damos o nosso apoio e força à todas as mulheres envolvidas! Veja mais no site:

<http://feministascontraoaumento.noblogs.org>

São Paulo, 02 de Abril de 2011.

# Carta en solidariedad a la “rede de colectivas feministas autónomas contra o aumento” de Sao Paulo, Brasil

Desde la colectiva feminista autónoma AlíSomosTodas expresamos nuestra sororidad y total apoyo a la acción feminista de protesta realizada durante un acto del Movimiento Passe Livre en la ciudad brasileña de Sao Paulo, el pasado miércoles (30.03.2011), que ha denunciado públicamente al agresor machista Rafael Pacchiega, el Xavier, perteneciente al mismo movimiento.

Extendemos la denuncia a la postura del CMI (indymedia-brasil) de silenciar la voz de las mujeres indignadas y a todas las personas que de alguna manera asumieron una complicidad con el agresor, incluyendo aquellas que cuestionaron el aspecto de la denuncia pública de la acción, que con la excusa de proteger el movimiento, esconden la justificación de agresiones. La complicidad puede no ser declarada pero se expresa por ejemplo cuando se cuestiona la acción de denuncia y no la del agresor. Nos impresiona muchísimo que las “juzgadas” sigan siendo las que alzan la voz, las que finalmente hicieron algo...que rompieron el silencio.

No podemos aceptar ninguna forma de agresión hacia nosotras, mucho menos desde la comunidad o movimiento políticxs, en donde depositamos nuestras energías y deseos profundos de transformar el mundo destruyendo todas las formas articuladas de opresión. El silencio es la forma más perversa de aceptación de la violencia sexista, es el mecanismo que le permite seguir reproduciéndose al sistema patriarcal, impunemente. Impunidad para nosotras significa ausencia de procesos de responsabilización y si creemos en la autonomía y sospechamos profundamente de la intervención del estado (y del capital) en nuestras vidas, nos parece obvio que tenemos que inventar maneras de justicia más allá del estado (patriarcal y sexista desde sus raíces, además de racista, clasista, especista...). Esconder y silenciar las agresiones, por lo tanto, significa proteger el agresor y conservar el sistema reproductor de la violencia.

Nuestra colectiva nació con el asesinato de una compañera feminista muy querida, Alí Cuevas. Su pareja, Oswaldo Morgan, le asestó 26 puñaladas en el día que ella cumplía 24 años. Nosotras nombramos el asesinato como

feminicidio para denunciar la lógica patriarcal detrás de la muerte de Alí y de tantas otras mujeres asesinadas por sus compañeros o ex-compañeros amorosos. Insistimos que el feminicidio y la violencia sexista cotidiana son hechos políticos, ni particulares ni excepcionales, porque es la manera en que son punidas las mujeres que de alguna manera resisten a la obediencia que se les espera. A nuestras acciones de denuncia también las consideraron exageradas, anti-estratégicas y agresivas.

Para nosotras, la acción directa realizada durante el mitín del “Movimento Passe Livre” tiene una importancia histórica y un significado de justicia feminista y que converge con otras acciones feministas directas en contra la violencia sexista-patriarcal que se están realizando en todo el mundo. Y aunque nos llamen “lokas”, “exageradas”, “descabelladas”, “anti-estratégicas”, “sectaristas”...y tantos otros nombres para deslegitimar nuestras voces que parecen sacar del foco la responsabilización del agresor... creemos que la denuncia pública y el señalamiento de los agresores constituye una herramienta indispensable en el ejercicio de justicia autónoma y de la auto-defensa feminista. Mientras nos sigan agrediendo, vamos a seguir denunciando, además de cuidarnos,

protegerlos y pensar en seguridad en un sentido radicalmente distinto.

Finalmente, les queríamos transmitir desde México, a las compañeras que realizaron la acción, un mensaje de fuerza y resistencia, decirles que no están solas y que no nos van a callar... porque

si tocan a una, nos tocan a todas!

AlíSomosTodas  
México DF, 2 de abril de 2011.

**Mais informações em:**

**[http://  
feministascontraoaumento.  
noblogs.org](http://feministascontraoaumento.noblogs.org)**